

UMA NOVA DENOMINAÇÃO DOS MUNICÍPIOS PARANAENSES

Cada povo tem sua tradição, seus hábitos, suas idiossincrasias. Este povo procura diferenciar-se dos demais à medida em que perpetua o seu passado, o seu modo de ser. E a Toponímia, nosso objeto de estudo, possibilita o entendimento de um povo uma vez que procura analisar “o nome de lugar” como depositário das esperanças, dos medos e da religiosidade dos moradores de uma localidade.

Dauzat, em 1878, sistematizou as pesquisas sobre “os nomes de lugar da França”, apresentando a etimologia dos topônimos. No Brasil, no início deste século, Theodoro Sampaio muito trabalhou com os topônimos de origem indígena. Mais recentemente, Dick, na USP, procura classificar os topônimos com base na sua motivação lingüística. Exemplo: rio do Tigre – zootopônimo, São José do Rio Preto – hagiopônimo.

Outras pesquisas têm contribuído para a sistematização da Toponímia – destacamos, em particular, os estudos sobre a toponímia paranaense. O projeto ATEPAR – Pelos caminhos do Paraná, da UEL, tem disseminado reflexões acerca da denominação de municípios (bairros, distritos) e acidentes físicos (rios, praias) do estado do Paraná.

O recorte que propomos fazer, nesta comunicação, diz respeito à alteração dos nomes de municípios. Alguns dados históricos serão apresentados pois são eles que justificam a substituição de um nome por outro.

No século passado, parte da então Província do Paraná encontrava-se loteada em colônias distribuídas a imigrantes europeus (não esquecer que o país precisava de mão de obra, principalmente depois da Abolição da Escravatura). Eram glebas de terra às quais se atribuíam os nomes genéricos de colônia (ainda no tempo do Império) ou de fazenda (neste século). À medida em que o desenvolvimento acontecia, a comunidade transformava-se em Distrito (de um município maior, próximo) e, posteriormente, conseguia a sua emancipação política.

Ferreira (1996: 240) atesta que o período de 1860-1880 marcou o estabelecimento de 27 colônias agrícolas, assentando imigrantes europeus em terrenos doados pelo governo de D. Pedro II. O atual município de Colombo (a 20 km de Curitiba) foi, inicialmente, a “Colônia Alfredo Chaves”, que recebeu, em 1878, cerca de 160 colonos de nacionalidade italiana. A primeira denominação foi uma homenagem ao Ministro da Agricultura, na época do assentamento; a atual

denominação é uma homenagem ao navegador italiano que descobriu a América.

Os imigrantes eslavos, por sua vez, aportaram em 1896 na então “Colônia Pequena” que hoje é a cidade de Antonio Olinto, preito ao Ministro da Indústria, Viação e Obras, promotor de assentamentos de colonos ucranianos.

Mais recente, na década de 40, o norte do Estado era conhecido como a “Terra da Promissão”, local para onde migraram paulistas, mineiros e nordestinos. A qualidade das terras atraiu pessoas em busca de oportunidades. Diamante do Norte, por exemplo, é de colonização recente; segundo Ferreira (1996: 264), “por volta de 1949, levado pelo impulso de transformar florestas em núcleos de civilização, chegaram à região do atual município de Diamante do Norte, os primeiros povoadores do lugar”. O primeiro nome do povoado foi “Fazenda Macuco”.

O oeste paranaense também é de colonização recente, era “um imenso vazio demográfico” (apesar da presença dos jesuítas no século XVI). Getúlio Vargas propôs a campanha “Marcha para o Oeste” com o intuito de assentar principalmente colonos gaúchos. Palotina (a 654 km de Curitiba) é nome dado em “homenagem aos padres palotinos, que no início da colonização muito contribuíram para a estabilidade social, cultural e religiosa da comunidade” – a primeira denominação do povoado foi Nova Iporã.

A nossa proposta não é apenas relatar a substituição dos nomes de municípios e seus motivos subjacentes. Nos casos mencionados anteriormente, observa-se a substituição de:

- a) antropotopônimo por antropotopônimo – Colônia Alfredo Chaves > Colombo
- b) dimensiotopônimo por antropotopônimo – Colônia Pequena > Antonio Olinto
- c) zootopônimo por litotopônimo – Fazenda Macuco > Diamante do Norte
- d) cronotopônimo por hicrotopônimo – Nova Iporã > Palotina

Os exemplos indicam que não existe uma diretriz única na substituição dos designativos de cidades. O objetivo desta comunicação é agrupar os topônimos paranaenses em conjuntos que considerem o nome original do povoado – qual era a sua taxionomia? O “novo” nome se enquadra na mesma categoria? O que se pode inferir de tal substituição?

Um primeiro conjunto a ser estudado resgata antigos hagiotopônimos. A motivação religiosa é frequente na Toponímia brasileira e é registrada desde o início da colonização. A cidade de São Paulo, por exemplo, deve seu nome à data de sua fundação, a saber 25 de janeiro, dia dedicado ao apóstolo Paulo.

Os nomes de cerca de 50 municípios paranaenses enquadram-se, atualmente, na categoria de hagiotopônimos, dando origem até a uma distinção entre hagiotopônimos autênticos (São João) e hagiotopônimos aparentes (Santa Mônica), de acordo com pesquisa realizada por Lima (1997).

Entretanto, no passado, havia outros municípios que referendavam a fé do povo. A alteração do nome parece indicar uma maior valorização do homem, como vemos em:

- Nossa Senhora da Conceição do Cercado > Almirante Tamandaré, patrono da Marinha;
- Santo Antonio do Itatim > Santa Bárbara > Bituruna, termo usado para designar a nação indígena que habitava a região (Ferreira, 1996: 178);
- Villa Rica del Espiritu Santo > Fênix.

A fundação da cidade remonta a 1580, com a presença de espanhóis e jesuítas; em 1632 a cidade foi sitiada, destruída e incendiada pelo bandeirante paulista Raposo Tavares. A reconstrução da cidade permitiu uma comparação com a ave mitológica que renasce das próprias cinzas.

- Sant'Ana do Iapó > Castro

O nome Castro é uma homenagem feita a Martinho de Mello e Castro, Ministro dos Negócios Ultramarinhos de Portugal, nos anos de 1785 e 1790. A nova denominação prende-se a um fato ocorrido na prisão de Limoeiro, em Portugal. Encontrava-se encarcerado o capitão Manoel Gonçalves Guimarães, enriquecido no contrabando de ouro e dono de extensa área de terras que, ajoelhado, pediu clemência e liberdade a Martinho de Mello e Castro. O prisioneiro informou que morava no Brasil, numa florescente freguesia, na qual não havia justiça e os crimes ficavam impunes, mas... se lhe fosse concedida a liberdade, trataria de elevar a freguesia à categoria de vila e, com o nome do Ministro português, iria melhorar a vida dos que ali moravam. Tal pedido sensibilizou a autoridade que libertou o potentado e este, reconhecido, empenhou-se para que a nova nomeação fosse uma realidade, em 1788.

Observa-se, também, a supressão do item lexical que denota a religiosidade, mantendo-se parte do nome original, como em:

- Nossa Senhora da Luz dos Pinhais de Curitiba > Curitiba
- São Sebastião do Guaraci > Guaraci
- Espírito Santo do Pinhal > Laranjinha > Ribeirão do Pinhal

Os poucos exemplos apontados indicam a substituição de um hagiotopônimo por antropotopônimo, etnotopônimo, mitotopônimo, fitotopônimo. Ou seja, não há uma uniformidade quanto ao surgimento de um novo nome. Por isso, parece ser mais significativo destacar-se que há a substituição de um hagiotopônimo: a visão teocêntrica dá lugar ao profano, ao homem, à natureza.

Um segundo grupo de antigos nomes de municípios paranaenses arrola designativos bastante descritivos, como Barreiro do Oeste, numa referência às “dificuldades da região, principalmente à péssima qualidade das estradas que, em tempos de chuva, ficavam completamente intransitáveis” (Ferreira, 1986: 179) – o nome atual, Boa Esperança, provém do otimismo em um futuro melhor e foi escolhido pelos fundadores.

- Arraial Queimado era a denominação devida a um devastador incêndio ocorrido na atual localidade de Bocaiúva do Sul, nome que homenageia Quintino Bocaiúva, senador carioca que foi Ministro das Relações Exteriores.
- Lajeado, em 1925, era uma referência a um lugar às margens do rio Laranjinha, significa “arroyo ou regato cujo leito é de rocha”. Em 1943, substituído por Abatiá, termo de origem Tupi que significa “homem de nariz batata” e/ou “grão de milho”.

Cumprir especificar, aqui, que um decreto federal promulgado a 21 de outubro de 1943 estipulava e regulamentava a eliminação dos topônimos homônimos, numa tentativa do governo organizar a Toponímia brasileira e incentivar, na mudança de nomes, a restauração de nomes tupis.

- Feijão Cru foi a primeira designação da localidade de Marilena e traz à baila as dificuldades da época da colonização.

Muitas vezes, o nome do rio (atribuído por topógrafo) se estendia às pequenas povoações que se desenvolviam às margens do rio; posteriormente, a localidade recebia uma nova denominação, como aconteceu com:

- Suruquá > Nova Aliança do Ivaí
- Água do Sabiá > Santa Bárbara > Nova Santa Bárbara
- Água da Aliança > Vila Nova Dantzig > Cambé

A cidade foi fundada por alemães, oriundos do Porto de Dantzig. Na época da 2ª Guerra Mundial, o nome foi substituído por um termo de origem tupi e significa “árvore ou planta de raízes aéreas”.

- Rio do Tigre > Braganey, homenagem prestada ao ex-governador paranaense (ainda vivo), que teve a anteposição de seu nome ao prenome.

Por último, um conjunto formado por apenas três antropotopônimos teve alteração nos designativos de lugar. Curiosamente, dois deles são substituídos por antropotopônimos:

- Eptácio Pessoa (ex-presidente da nação, cujo nome não vingou por motivos políticos advindos do período da Revolução de 30 e depois por já existir uma cidade homônima no interior paulista) > Adrianópolis, homenagem ao pioneiro da indústria de minérios da região, Sr. Adriano Seabra da Fonseca.
- Interventor Manoel Ribas, antigo governador do Paraná (1932-1945) > Munhoz de Mello, presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Paraná, nomeado à localidade em novembro de 1955. Ressalte-se que, em julho de 55, Campina Alta sofreu alteração para Manoel Ribas.
- Lovat, de nacionalidade inglesa, foi o fundador da Companhia de Terras Norte do Paraná, pioneiro da colonização > Mandaguari, termo de origem Tupi que designa uma espécie de abelha silvestre.

Concluindo, pode-se dizer que o resgate dos primeiros designativos das comunidades aponta para:

- a) a substituição de hagiopônimos, o que parece ser um resquício do Humanismo;
- b) o uso de termos bastante descritivos do local, registrando muitas vezes as adversidades vividas na época da colonização;
- c) a expansão do emprego dos nomes dos rios às povoações próximas;
- d) a alteração de um antropotônimo, que equivale a retirar a homenagem anteriormente prestada a alguém.

Bibliografia

- FERREIRA, João Carlos Vicente. **O Paraná e seus municípios**. Maringá: Memória Brasileira, 1996.
- LIMA, Ivone Alves de. A motivação religiosa nos topônimos paranaenses. In: **Anais do XLV Grupo de Estudos Lingüísticos de São Paulo**. Campinas: UNICAMP, 1997.